

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ARTES – PPGARTES

ELLYSSON VICENTTE SOUSA ROCHA

EU SOU PALAVRA

Trabalhar com aquilo que foi excluído tornou-se desafiador e um objetivo pessoal e acadêmico em 2023. Objetos, pensamentos e técnicas que foram deixados para trás costumam carregar algo o qual rejeitamos, ou não conseguimos aprender, ou, até mesmo, aquilo que não estamos prontos para lidar. Agamben, no capítulo “*Ajudantes*” de seu livro “*Profanações*” (2006), discorre acerca do conceito e da personalidade dos ditos *ajudantes*, e como tais pequenos ou grandes seres mágicos, além de inteligentes e dotados, também se parecerem como serpentes (pg 27). O conceito é encantador, assim como as criaturas que Agamben descreve como também semelhantes a crianças, devido a sua incompletude, ou até quiparando-os a criaturas como gnomos, gênios, animais falantes (pg 28).

Nelas há algo, um gesto inconcluído, uma graça inesperada, um certo encantamento matemático nos juízes e nos gostos, uma agilidade aérea dos membros e das palavras, que testemunha seu pertencimento a um mundo complementar, que se remete a uma cidadania perdida ou a um lugar inviolável.

AGABEM, 2006

O autor também diz que tais ajudantes são seres encantados que, no momento do perigo, surgem por milagre para para libertar do embaraço a boa princesinha ou o João Sem Medo. Em determinado trecho, o autor diz que, mesmo mágicos e de grande potencial mágico, são “*personagens que o narrador esqueceu de contar no final da história*” (pg ,28), e que também se manifestam como “*nossos objetos insatisfeitos*”. Incompletos, escondidos, insatisfeitos,

porém de grande potencial de transformação. Tal caracterização me perpassa em sentindo muito particular, para além de um registro teórico.

Sou professor de artes atuante e mestrando que desenvolve uma pesquisa teórica. Desde o fim do primeiro período do curso de licenciatura em artes visuais reivindiquei da ideia de ser artista, por soar romântico demais em uma realidade que me direcionava, primeiramente, a manter-me vivo. Para se estar vivo e, sobretudo, independente, é preciso produzir. Produzir dinheiro - se sobrar tempo, arte. Neguei a ideia de ser artista, e foquei em minha paixão, já anterior a graduação, de lecionar. O conceito de ajudante assemelha-se, em certos pontos, com o que a psicanálise classifica como sombra. No Portal de Divulgação Científica do Instituto de Psicologia da USP, Heloísa Noronha aborda:

A ideia tem origem na psicologia analítica desenvolvida pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961). A sombra é tudo aquilo que foi negado, reprimido ou ainda permanece desconhecido pelo indivíduo e está recalçado – ou seja, reprimido – em seu inconsciente, o que também torna sua definição ligada aos estudos do psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856 – 1939)

NORONHA, 2022

Recalquei, reprimi, o desejo de produzir arte, abrindo mão do título de artista e construindo uma rotina e carreira baseada na licenciatura, exclusivamente. Mas produzir arte sempre foi um objeto de desejo insatisfeito, como diria Amgaben, e que, de alguma forma, mais cedo ou mais tarde, seria por demais controlar. A proposta de produção do trabalho prático da matéria lecionada pelas professoras Ana Tereza e Regina de Paula surge como um dispositivo de enfrentamento com uma das minhas *sombras*. Aprendi ao fim do semestre 2023.2 a assumir aquilo que neguei a ser, um artista.

Dentre alguns comentários anotados após da minha apresentação, a professora Ana me disse: *“interessante que você se nega como artista, mas escolhe logo uma tela para se expressar.”* Acredito que havia tanto desejo reprimido, que o resultado fora justamente a forma mais tradicional de se realizar um trabalho artístico. Um outro colega, Cris, disse *“você cria seu próprio mundo.”*

Por que não seria artista?”. Uma outra colega discorreu sobre a relação “comunicador – comunicado”, presente tanto em minha obra, quanto no meu trabalho.

O trabalho prático resultou em uma assemblage: uma tela, medindo 30 x 40 cm, pintada com tinta acrílica preta e com tiras de papel ofício coladas sob sua superfície, formando a frase “*Eu Sou Palavra*”. Considero-me uma palavra enunciada, um corpo falante, como diria Preciado em “*O Manifesto Contrassexual*” (pg 17). Para isso, pensei em arriscar-me produzindo um trabalho biográfico que enunciasse o que eu mais tenho de relevante: minha escrita, meu trabalho. Ao construir o trabalho, achei que seria interessante registrar a formação da palavra na tela. A construção da palavra me atrai mais que o resultado final, talvez por ainda estar aberta a alterações. A palavra nunca está, de fato, fechada, até o autor morrer.

Na obra “*Eu sou (Nº 1)*”, os ajudantes vêm à tona de duas formas: como os materiais utilizados para a realização do mesmo, se tornando, assim o trabalho como um todo. Mas também aparecem como a minha sombra que vem à luz, e se dissipa. Aceitar o auxílio dos ajudantes foi aceitar minha sombra e aquilo que eu tinha *esquecido de contar no final da história*, por serem *desejos insatisfeitos*..



Registro fotográfico da construção da obra, 2023

EU SOU PALAVRA (Nº 1), 2023. Escolhi me apresentar me afirmando, através do descarte daquilo que um dia eu fui, daquilo que um dia escrevi. Em tela, utilizo tiras cortadas com a impressão do que já foi a primeira versão (descartada) do meu capítulo de qualificação. Canetas vermelhas. Texto esse alterado, corrigido, porém ainda aberto a alterações, assim como quem escreve. Todas as linguagens estão contaminadas umas com as outras. Palavra é figura. Figura é texto.



Ao fim da apresentação, com a libertadora aceitação de que sim, eu era um artista, afirmado por brilhantes alunos e colegas de uma pós graduação de artes, percebi a necessidade de fazer disso uma série. A série *Eu Sou*. No momento da finalização desse artigo, já está sendo desenvolvido “Eu Sou Amor” e “Eu Sou Exu”, cada qual com proporções diferentes, porém com o mesmo fundo: tinta acrílica preta.

Acredito que *Eu sou* dialoga com a obra de Marilá Dardot, intitulada “*A origem da obra de arte*” (2002). A obra da artista me instiga ao trazer para a tridimensionalidade diferentes letras, transformando-as em objetos para além da folha do papel, ou para além de uma tela. A obra *reflete o interesse [da artista] pela linguagem ao convidar o espectador a construir palavras e frases com vasos de cerâmica em formas de letras*. A obra localiza-se em um ateliê de plantio aberto, em Inhotim, onde o visitante também pode encontrar utensílios para jardinagem, além de terra e sementes. Os mais de 1500 vasos-letra formam um trabalho que, dentre inúmeras camadas, sintetiza, em uma possível leitura, a

“contaminação das linguagens”: arte sendo letra, letra sendo imagem, figura sendo palavra, palavra sendo escultura.



A origem da Obra de arte. DARDOT, Marilá (2002)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN. Profanações (2006). Tradução: Selvino J. Assmann. Biotempo Editorial, São Paulo - SP

NORONHA, Heloisa (2022). Todos temos um lado ‘sombra’ da personalidade. Portal de Divulgação Científica do Instituto de Psicologia da USP.

PRECIADO, Beatriz. O Manifesto Contrassexual: Práticas Subversivas de Identidade Sexual (2004). N 1 Edições.

MARILÁ, Dardort. A origem da obra de arte. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/galeria-marila-dardot/>